

MARION MCGILVARY

UMA MULHER EM FUGA

Tradução de Ana Nereu

– Então, como está a lidar com tudo isto, Edith? – questionou Adam.

De expressão vazia, indicou com o braço os seis metros quadrados de armários em carvalho, como se estivesse preocupado que a máquina de lavar loiça iniciasse uma súbita revolta, incitando todos os electrodomésticos alemães a erguerem-se das paredes e a submergirem-me, mas percebi o que ele queria dizer. Trabalhava para ele havia pouco mais de dois meses, muito desse tempo passado sozinha a correr para cima e para baixo naquele dédalo de escadotes a que ele dava o nome de lar, apenas com um grupo inconstante de decoradores croatas para me distrair.

Enganara-me em relação às possibilidades de encontrar membros do sexo oposto. Podia ter escolhido qualquer um dos homens em fato-macaco, agachados e salpicados de tinta.

– Oh, está tudo bem. Não há qualquer problema – respondi descontraidamente. – A casa funciona como um relógio.

– Deve ter sido muito solitário ficar aqui sozinha.

– Nem por isso. Aprecio a minha companhia – menti, sorrindo de uma forma tranquilizadora.

Adam e Gay tinham uma casa em França que, apesar da sua separação iminente, continuavam a partilhar. Ela ia para lá em Julho e ele, em Agosto. Quando me ofereceu o emprego, dissera-me que iria estar fora grande parte do Verão, e que tudo o que eu teria de

fazer era ficar em casa a supervisionar os pintores que vinham redecorar o labirinto de corredores e escadarias.

«Deixe-os entrar, assegure-se de que não roubam as pratas e mantenha-se junto deles durante todo o tempo», ordenara-me, desnecessariamente, como se veio a revelar. As pratas eram tão feias para os homens como para mim, e eles trabalhavam tanto que tinha de lhes recordar que parassem. Eu e os croatas comunicávamos principalmente por gestos, comigo a apontar para o relógio ou a oferecer refrescos, que eram recebidos com imensos acenos de cabeça. Encetámos uma relação usando a linguagem internacional do bolo e da cerveja, ambas as quais eles falavam com fluência. Felizmente, tudo lá em casa ia ser pintado no mesmo tom branco-azulado de cadáver, de modo que pelo menos não havia discussões sobre as amostras de cores.

Durante o mês de Agosto, Adam passou apenas algumas noites lá em casa para assistir a algumas reuniões no dia seguinte e, uma vez, para fazer uma breve viagem até Dublin. No final do mês foi até casa de uns amigos no campo para fugir ao Carnaval e ofereceu-se para me deixar num hotel durante os poucos dias de frenesim, quando a cerveja fluía pelas ruas mesmo a norte de Holland Crescent. Com Carnaval ou não, apesar da música que parecia fazer tremer a casa até aos alicerces, não me fazia qualquer diferença. Durante semanas, barricara-me na cave com tampões nos ouvidos, para não ouvir os gemidos e os lamentos artríticos da casa antiga.

Todavia, desde o seu regresso, e por insistência sua, tínhamos adquirido o hábito de jantar juntos durante a maior parte das noites. Quando ele regressou da Provença, bronzeado e com excesso de energia, que geralmente canalizava para o trabalho, eu sentia-me como se a minha boca tivesse sido agrafada. Agora esperava que ele regressasse à noite com a impaciência de uma jovem noiva.

Sentia uma excitação frenética pelo facto de haver outro ser humano que falava a mesma língua que eu e que realmente respondia ao som da minha voz. Eu e Francisco caíramos numa espécie de mudez, na qual caem muitos casais, suponho, após algumas décadas num matrimónio razoavelmente feliz. Eu falava

de qualquer coisa que me vinha à cabeça e ele fingia escutar-me, grunhindo a sua concordância com uma benevolência descontraída, que esmorecia apenas quando eu protestava que ele não estava a ouvir-me, o que podia conduzi-lo à exasperação porque era verdade. Podia ter-lhe pedido um jovem amante, que ele provavelmente ter-se-ia limitado a acenar alegremente e a dizer: «Sim, querida, tudo o que quiseres.»

«Sabes que não sou muito bom em conversas fúteis», protestaria, aplicando-me na face uma palmadinha distraída, seguida por um beijo no cimo da cabeça, o que geralmente prenunciava o regresso ao seu escritório.

Ele não tinha sido sempre tão reservado. No início do nosso relacionamento, costumávamos ficar acordados até altas horas da noite a partilhar as nossas infâncias muito diferentes, evocando memórias nas trevas para distrair o outro. Nunca me cansava de escutar as suas histórias de infância junto da sua avó Olinda em Cartagena, todas elas mais coloridas e exóticas do que os meus contos cinzentos e sombrios, de modo que o meu passado se desvanecia modestamente no seu. E a única coisa que discutíamos na cama era quem tinha trancado a porta das traseiras.

É evidente que nos primeiros anos do nosso casamento ele não tinha de preencher as salas de aula e as conferências com o som da sua voz, nem tinha um fluxo dinâmico de estudantes regurgitando os mesmos temas nas composições, semestre após semestre. Podia ocasionalmente captar a atenção dele fingindo um súbito desejo de debater a ineficácia das Nações Unidas, ou a dívida do Terceiro Mundo, mas, na maior parte das vezes, deixava-o em paz.

Estava certa de que alguma da sua reserva emocional provinha do facto de ter perdido a mãe com uma idade tão jovem, mas os anos que partilhámos sem filhos também não tinham ajudado. Se tivéssemos tido filhos, presumo que teríamos ficado perdidos de amores com cada palavra e gesto deles, mas apenas tivéramos a desilusão da sua ausência, e um ao outro. A minha incapacidade para ter filhos era o grande tema não falado, a que nunca se aludia, que nunca se discutia. Era a minha grande falha. E, assim, resignei-me

com a ideia de que a casa era uma zona livre de conversas, e obtive a minha dose de frivolidade através dos seus alunos.

Mas com Adam não havia um assunto tabu a escavar um fosso à mesa do jantar e, além disso, eu fazia os trabalhos de casa. Comecei a perscrutar o *The Times* de modo a poder fazer política de direita e adquiria o *Telegraph* pelas palavras-cruzadas que, meio terminadas, deixava ostentadamente na mesa da cozinha. Lia os autores dele nas páginas dedicadas aos livros, em todas as secções de crítica, até poder quase dar uma palestra sobre os poetas ingleses. É que o preço dos morangos e a brevidade da época dos espargos ingleses só nos levam até determinado ponto.

Adam, para minha estupefacção, não queria saber da crise recente na Argentina. Para minha satisfação, estava muito mais interessado em discutir as vidas privadas dos seus autores do que os enredos dos seus romances. Fiquei a saber quem era *gay*, impotente, alcoólico e iletrado. Aparentemente, os editores são receptores de segredos da mesma forma que os padres, só que muito menos discretos. Geralmente, jantávamos juntos todas as noites da semana, enquanto um monte de envelopes impressos a convidá-lo para inaugurações e lançamentos de livros se empilhavam, por abrir e por responder, na gaveta da consola do *hall*. Aos fins-de-semana, frequentava jantares onde, queixava-se ele, era posto ao lado de uma série de loiras divorciadas, bem ataviadas, saídas directamente da central de *casting* do desespero, enquanto eu ficava em casa para a minha sequência de encontros escaldantes com Noel Edmonds ou o inspector Morse. Mas naquele dia era domingo e ele estava em casa, um bónus inesperado! Tinha planeado assistir à série *O Principal Suspeito*, mas agora faltaria ao encontro com Helen Mirren.

Primeiro, ele fizera a sugestão audaz de descermos até um restaurante em Portobello Road, mas pensei que isso seria levar as boas relações profissionais demasiado longe. Como é que iria ele apresentar-me caso encontrássemos algum dos vizinhos, oh, esta é Edith... a minha mulher-a-dias? E se eu encontrasse alguém conhecido? Era mais seguro ficarmos em casa.

E então fiz aquilo que fazia melhor: cozinhei.

Os restos do jantar repousam, espoliados, entre nós. Metade de um frango assado frio com recheio de alperce e pistachos, aberto obliquamente, de pernas afastadas, junto a uma taça de maionese de paprica e alho talhada e uma salada grega. Eu cozinhava com base em diversas culturas, influenciada por muitos anos de namorados saudosos de casa, os quais possuíam as suas ideias muito próprias acerca do que constituía o conforto alimentar. Até mesmo a salada de batata alemã era uma recordação de camas passadas. Tinha sido o único cozinhado de que Karl se orgulhava, e geralmente era acompanhado de salame toscamente cortado e servido entre o sexo e os cigarros, mas disse a Adam que a receita viera da minha sogra Lutz.

A mãe de Francisco falecera quando ele tinha sete anos e provavelmente nem sequer sabia onde ficava a cozinha. A avó vivia numa casa colonial desbotada mas bonita, à beira-mar, e não erguera mais do que uma chávena de chá em toda a sua vida. Na quinta da família, havia um terreno de argila negra repleto de camponeses colombianos, enérgicos e da cor do café, que moíam os cereais à mão para os *tamales* dela, enquanto em Manhattan, a madrastra de Francisco pensava que cozinhar significava discar o número para encomendar a comida. E, regra geral, encarregava o criado dessa tarefa.

Comecei a passar os pratos por água, raspando as batatas moles e farinhentas para a pia, e cobri a carcaça do frango com papel de alumínio. Aproveitá-lo-ia no dia seguinte para fazer um caldo.

– A sua mãe era boa cozinheira? – perguntou Adam. – Suponho que tenha absorvido esse dom através do leite materno...

Soltei uma gargalhada tão sonora que consegui ouvir-me a fazer ruídos estranhos pelo nariz.

– Do leite materno?! Está louco? A única coisa que absorvi da minha mãe foi fumo de cigarro e *Ajax*. Céus, não. A única contribuição da minha mãe para a gastronomia mundial era carne cozida, picada ou não. O ingrediente principal de tudo o que ela cozinhava era sal. Até aos meus quinze anos, pensava que feijão guisado era um legume verde, e ainda estou estranhamente dependente do odor do amoníaco.

– Então, o que aconteceu quando tinha quinze anos?

A questão fez-me rapidamente controlar as gargalhadas. Hesitei.

– Oh, nessa altura fui iniciada nas sinistras artes satânicas dos brócolos e feijão-escarlate. Mudei-me para o Sul e fui corrompida pelos Ingleses. Antes disso, pensava que os pimentos vermelhos vinham em pacotes, secos e em flocos, como a comida de peixe. Até mesmo o restaurante chinês da zona tinha sido corrompido. Se telefonássemos a encomendar, a senhora Yang dizia: «Sim, Taiwan Hoose, quer batatas fritas a acompanhar?»

– Mudou-se para Londres quando foi para a universidade?

– Hum... não, vim para cá, depois viajei para a Europa e em seguida para os Estados Unidos. Conheci o meu marido e nunca mais regresssei. Só quando tive de o fazer.

– Então, de onde veio o interesse pela comida?

– Da necessidade, creio, Franci... quero dizer, o Frank apreciava a comida que o fazia recordar as suas origens; tinha de comer arroz a todas as refeições, arroz e feijão, até comia arroz com batatas. Parece-me que os feijões guisados *são* um vegetal na América do Sul. – Fiz uma careta. – Seja como for, penso que comecei a aprender a fazer todo o tipo de comida que ele apreciava.

– Estou confuso... França? América do Sul? Pensei que o seu marido fosse alemão. Os feijões e o arroz são alguma especialidade alemã?

– Oh, não... é claro que não. Eu, ele, o Frank, estudou na América do Sul, não em França. – Respirei fundo; estava a baralhar tudo. Precisava de me calar, mas Adam continuava a olhar para mim atentamente. Comecei a ansiar a indiferença de Francisco. – E depois, mais tarde, ficámos lá algum tempo por causa do trabalho dele. Por isso, a comida tornou-se mais ou menos um hábito. Não estou a pensar como deve ser, bebi demasiado vinho. – Dei uma pancadinha no copo com a unha, que soou como o toque de uma campainha. Depois apressei-me a continuar. – Tínhamos de receber muitas pessoas em Nova Iorque, e nem sempre podíamos dar-nos ao luxo de as levarmos a um restaurante. De modo que dávamos jantares. Eu na altura não estava a trabalhar e isso tornava as coisas

mais fáceis. Tínhamos um bom apartamento com uma vista excelente sobre o East River.

– Não ambicionava ter um emprego?

– Bem, no início houve um problema com o meu visto, por isso vi-me obrigada a ser uma espécie de esposa de carreira, viajando por toda a parte com... o Frank. – Pronunciei o nome de uma forma um tanto ou quanto peremptória, como se estivesse num concurso televisivo e tivesse de dizer a resposta certa antes de soar a campainha. – Depois já não sabia por onde começar.

Estava a começar a perder o controlo. Chegara o momento de parar de beber. A minha boca não parecia ter qualquer ligação com o cérebro.

– Na verdade, fiquei preocupado consigo aqui sozinha durante todo o Verão – fez com que parecesse uma confissão. – Deve ter sido muito estranho e solitário.

– Nããão, foi realmente bastante pacífico – respondi alegremente enquanto o triturador de lixo terminava de moer as sobras como uma criança bem comportada a limpar o prato. – A sério. Provavelmente era mesmo do que eu necessitava, de algum tempo para me recompor.

Ele protestou quando me inclinei para lhe levantar o prato e os talheres, e disse-me que me deixasse estar sentada e relaxasse.

– Deixe estar, Edith, a loiça suja não vai a lugar nenhum, e aquela maldita máquina de lavar loiça parece mesmo um *Concorde* a levantar voo. Não conseguirei ouvir mais uma palavra se a ligar. – Verteu as últimas gotas de *Pinot Noir* no meu copo: um copo de pé alto veneziano cor-de-rosa que trouxera, juntamente com o vinho, da elegante sala de jantar na porta ao lado.

A cozinha, embora generosamente equipada com todos os modelos reluzentes da engenharia doméstica alemã, não era provida de qualquer tipo de luxo. Havia loiça de porcelana sofisticadamente homogénea, oculta atrás das portas de carvalho, para permitir um jantar para vinte e quatro pessoas à mesa, e três tamanhos diferentes de copos de água finos como hóstias, que ameaçavam estilhaçar-se caso entoássemos uma nota mais aguda durante a sua lavagem. Mas não havia nada frívolo ou belo. A ex-mulher de Adam era

obviamente uma mulher que gostava de manter tudo no seu lugar, para a sua função própria, incluindo a empregada da limpeza. A minha própria *kitchenette* minúscula, na cave, tinha apenas dois exemplares de cada uma das peças mais requintadas do Woolworths: tigelas de sopa, pratos de sobremesa, pratos rasos e chávenas de café em faiança, como se marchassem juntos numa arca soviética minimalista. Ela não previra que a empregada doméstica pudesse receber muitas visitas.

– A casa não lhe pareceu intimidante, estando aqui sozinha? – insistiu Adam num tom que revelava que essa sensação não lhe era estranha.

Sorvi um gole do vinho para retardar a resposta. Tinha um leve sabor a fruta, como a pele aveludada das framboesas maduras a deslizar pela minha garganta. Depois disto, as minhas canecas de 25 cl da Tesco, com o *Cabernet Sauvignon* búlgaro gelado ao ponto da misericordiosa insipidez, jamais voltariam a saber-me da mesma maneira.

– Bem, a verdade é que cheguei a pensar que ia ter um pouquinho de medo, por isso dormi com aquela gigantesca cómoda vitoriana encostada à porta do quarto. – Sorri para lhe mostrar o quanto considerava isto ridículo, embora a verdade fosse que pedira a um dos habilidosos croatas para colocar ferrolhos novos em todas as portas interiores da cave, e mantive a janela fechada apesar de estarem trinta e cinco graus centígrados no exterior.

– Sei o quanto esta casa nos pode parecer horrível quando está vazia – disse Adam, brincando com os punhos às riscas azuis de uma camisa que eu sabia pela lavagem terem pequenas manchas cor-de-rosa na parte de dentro.

Tinha umas mãos muito elegantes, nas quais reparei enquanto ele brincava com os botões de punho: delicadas, unhas quadradas e longas, dedos hábeis, finos e tensos, como tudo o resto nele, uma aliança de ouro baça ainda na sua mão esquerda.

– Quando Gay saiu de casa, detestava ter de regressar à noite. A casa parecia uma morgue, especialmente sem a Lennie. Disse a Gay que ela podia ficar e que eu sairia, afinal, esta é, era, a sua casa de família, mas ela disse que a odiava. Não sei bem porquê.

O olhar dele precipitou-se para o espaço junto ao frigorífico, onde as estaturas dos filhos, anotadas entre os três e os catorze anos, subiam pela parede. Lançou um olhar de impotência em redor da cozinha, como se a torradeira pudesse fazer saltar uma resposta para o descontentamento da esposa. Pobre homem. Não sei o que havia de opressivo em Holland Crescent, mas não me encontrava em posição de julgar os motivos que levam uma mulher a fazer as malas e a desaparecer. Todavia, a dor de Adam era palpável. Era-me penoso examiná-la. Ele estava a segurar um espelho diante do meu rosto.

– Não lhe pareceu muito silenciosa? – perguntou.

– Oh, a pessoa habitua-se – respondi com tanta descontração como se o isolamento fosse uma actividade de lazer que se consegue em férias no Club Med, como alternativa ao mergulho subaquático.

– Bem, agora estou de regresso, à excepção de algumas curtas viagens de negócios à feira do livro de Frankfurt, algumas reuniões em Nova Iorque, *outra vez*, o que é um aborrecimento. Não sei como aguentou viver lá, é uma cidade tão agitada e agressiva. Também tenho esperança de que as crianças venham passar algum tempo comigo aos fins-de-semana, e possivelmente a meio do ano, por isso vai ser mais movimentado daqui para a frente. A Lennie virá na próxima semana. Também irá conhecer Gay. Penso que ela quer analisá-la. Até pediu as suas referências – disse ele com uma gargalhada embaraçada, e o meu estômago deu uma volta. – Mostre-lhas; espero que não se importe. É nervosismo de mãe e tudo isso.

Claro que me importava, mas não estava em posição de o reconhecer. Uma sensação fria de desconforto percorreu-me perante a ideia de a ter a investigar os meus falsos testemunhos. Cabra maldita. Nervosismo de mãe? Tinha esperança de que ela não estivesse suficientemente nervosa para contactar a agência.

– Quer sobremesa? – perguntei. – Tenho tarte *tatin*, e há queijo arménio daquela mercearia da esquina. – Éramos como dois estranhos num primeiro encontro.

– Obrigado, Edith, mas fico-me pelo repasto líquido. – Ergueu o copo como que a propor um brinde. – E, de qualquer forma, está demasiado calor para comer muito.